

Reflexões sobre o conceito de multiletramentos na contemporaneidade e sua relação com o ensino de língua(gem)

José Railson Silva Costa¹
Universidade Federal da Bahia
<https://orcid.org/0000-0002-1195-8076>
railson.costa28@gmail.com

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo discutir sobre o conceito de multiletramentos na contemporaneidade e seus desdobramentos no ensino de língua(gem), tomando como fio condutor os fatos históricos que se desenrolaram no século XX, como também levando em consideração a revolução cultural e tecnológica que tomou grandes proporções nesse mesmo período. Assim se observou a necessidade de delimitar o conceito de multiletramentos e apontar as bases teóricas no Brasil e no mundo, para mostrar como as preocupações no âmbito do uso da linguagem para além do conceito de alfabetização eram simultâneas. Portanto, foi proposta uma pesquisa bibliográfica de modo a discutir essas e outras questões transversais, tomando como base, textos e obras de autores renomados na área, como Freire (1979), Kleiman (1995) e Rojo (2016), por colocarem essa discussão tomando a relação entre o popular e o erudito como níveis de letramentos heterogêneos a serem articulados e refletirem sobre o papel da escola e do professor como autores essenciais para a garantia efetiva dos multiletramentos como um instrumento de transformação social

Palavras-chave: práticas de linguagem; tecnologias da informação; educação.

Challenges of multiliteracies in contemporary times and their relationship with cultural and technological diversity

ABSTRACT: This work aims to discuss the concept of multiliteracies in contemporary times and its implications in language teaching, taking as a guiding thread the historical facts that unfolded in the 20th century, as well as taking into account the cultural and technological revolution that took on major proportions in the same period. Thus, the need to define the concept of multiliteracies and point out the theoretical bases in Brazil and in the world was observed, to show how concerns regarding the use of

¹ Doutorando em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia; mestre em Língua e Cultura (2021) pela mesma instituição; licenciado em Letras (Português-Inglês) pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2018). Professor da educação básica (SEC-BA), desde 2019. Membro do Grupo de Estudos sobre Texto e Enunciação (UFBA), coordenado pela professora Dra. Adriana Santos Batista. Tem experiência na área de Língua Portuguesa e Inglesa, estudos do discurso e da enunciação e ensino de línguas.

language beyond the concept of literacy were simultaneous. Thus, a bibliographical research was proposed in order to discuss these and other cross-cutting issues, taking as a basis texts and works by renowned authors in the area, such as Freire (1979), Kleimn (1995) and Rojo (2016), for raising this discussion taking the relationship between the popular and the erudite as levels of heterogeneous literacies to be articulated and reflecting on the role of the school and the teacher as essential authors for the effective guarantee of multiliteracies as an instrument of social transformation

KEYWORDS: language practices; information technologies; education.

1 INTRODUÇÃO

Desde que o termo letramento começou a ser dicionarizado nos países desenvolvidos, a saber Inglaterra, Estados Unidos e França, houve certa analogia ao sentido de alfabetização, entretanto, estudos posteriores se debruçaram sobre a questão para esclarecer que os termos embora possam ser associados, tem propostas diferentes.

Foi a partir dessas inquietações e da necessidade de repensar de forma prática os processos de utilização da língua para o exercício pleno da cidadania e da autonomia crítica em sociedade, que autores como Paulo Freire, em nível nacional, e estudiosos do Grupo da Nova Londres, em nível internacional, desenvolveram pesquisas que serviram de base para o surgimento de novas práticas de uso contextualizado socio historicamente em relação aos usos da língua: os multiletramentos.

Embora pareça haver um sentido de dispersão entre vários letramentos que podem ser usados para proporcionar o desenvolvimento crítico e intelectual do educando, na verdade, o que se observa é uma heterogeneidade das diversas formas de letrar que devem ser postas em prática simultaneamente. No contexto global, se observou a rápida evolução dos meios de comunicação, industrialização e a emergência de grupos vistos como marginalizados, o que se desdobrou em uma preocupação de como conciliar a cultura popular com a cultura erudita.

Em um caminho um pouco diferente, se observou a exploração e o sofrimento por parte do nordestino, no século XX no Brasil, contexto em que boa parte da população, especialmente pobre e do sertão era analfabeta. Dessa forma, foi pensado por Paulo Freire um método de letrar o povo da sua terra a partir do seu próprio conhecimento de mundo, fazendo-os perceber que o povo pobre também produz cultura e detém um tipo específico de letramento.

A partir dessas e outras perspectivas, Rojo (2016) refletiu sobre os modos como essas várias camadas de letramento e questões culturais estão articuladas na contemporaneidade, especialmente devido aos adventos das tecnologias da informação e da *internet*. O que se

começou a notar, é que os modos de acesso a palavra estão cada vez mais disputados e que é necessário desenvolver uma postura crítica em relação a esses novos espaços de modo que o sujeito tenha consciência de seu lugar na sociedade e que, a partir da valorização das mais diversas formas de cultura, seja possível se inserir na vida social, burocrática e política.

Assim argumenta-se que, para além dos impactos trazidos por essas transformações sociais, é necessário observar as novas formas de produzir sentido através das linguagens, uma vez que esse contexto produz gêneros que vão além do uso verbal, mas que consideram a multimodalidade como um caminho mais diverso e dinâmico na produção de sentidos, devendo, então a escola como instituição formal imbuída de discutir sobre os letramentos, ter atenção sobre como abordar essas práticas em sala de aula, especialmente tomando a figura do professor como um sujeito ideológico.

Assim, tomaremos como objetivo geral a discussão sobre o conceito de multiletramentos e sua realação com o ensino de língua(gem) na contemporaneidade, de modo que complementaremos também, nas próximas seções, com reflexões a respeito do perspectiva histórica dos multiletramentos no Brasil e no exterior, bem como o impacto da globalização digital nas novas identidades.

2 APORTE TEÓRICO: (MULTI)LETRAMENTOS EM PERSPECTIVA

Falar em letramento geralmente pode ser associado ou confundido com alfabetização, entretanto o termo recobre práticas educativas que vão para além do desenvolvimento da habilidade de ler e escrever. Embora Magda Soares (2006) aponte para a origem do termo em inglês *literacy* associado ao processo de alfabetização, a autora discute que o letramento possui um sentido relativo ao desenvolvimento de habilidades das práticas de linguagem e do desenvolvimento de um sujeito crítico e situado socialmente, a partir dos usos da língua.

As discussões nas quais os multiletramentos se inserem partem de um panorama que visa criticar modelos educativos tradicionais, que dentro desse campo teórico são denominados de modelo autônomo. Essa problemática é discutida por Brian Street (2010), que aponta que essa corrente é defasada, pois ela forma um sujeito excluído da prática social, já que ele é avaliado de forma individual em uma perspectiva conteudista, institucionalizada onde a língua é neutra quanto aos aspectos sociais. Dessa forma, é posto o modelo ideológico como possibilidade de pensar um letramento que não seja voltado à elitização do ambiente escolar e

consiga fazer com que o sujeito, através dos seus conhecimentos prévios de mundo, desenvolva consciência de que, fora dos muros da escola, existem outros tipos de letramento que devem ser considerados no uso efetivo da língua.

Para que possamos vislumbrar uma perspectiva de letramento em um contexto de práticas de linguagem, bem como o movimento de combate ao modelo autônomo, antes, é necessário traçar caminhos teóricos de tipos de letramentos que se convergem. Dessa forma, discutiremos sobre os tipos de letramento que cercam a escola e quais são seus antecedentes epistemológicos, de tal forma que recorremos a Kleiman (1995) para desenhar esse percurso.

A autora discute, a partir de uma trajetória histórica, sobre os tipos de letramento; quais as propostas dessas perspectivas e os efeitos da disseminação de tais metodologias. De início e para compreender a efetivação desses tipos de letramento, são retomados os primeiros conceitos desenvolvidos por outros autores, para que a partir de um estudo comparativo, se possa ir descrevendo o percurso desses estudos.

Para isso, são abordados os processos de alfabetização e, em paralelo, os impactos sociais da escrita. Paulo Freire não poderia deixar de ser mencionado pela autora, pois foi um dos primeiros a divulgar a alfabetização para além de um processo de decodificação, mas como um meio de inserção do sujeito na democracia social, construção da cultura, acesso ao voto, entre outros processos de inclusão social. Isso demonstra como uma política pedagógica para além da erradicação do analfabetismo está intimamente relacionada, por exemplo, com a prática libertária proposta por Freire, onde a parcela mínima letrada da população monopoliza o poder político, econômico e cultural, tal como se tem visto na concepção de superestrutura oriunda do marxismo.

Por isso, Kleiman (1995) enfatiza um uso da linguagem na perspectiva freiriana que vá além do uso da escrita e da língua enquanto estrutura, como pode ser observado na seguinte passagem sobre o conceito do termo letramento:

O domínio de outros usos e funções da escrita significa, efetivamente o acesso a outros mundos, públicos e institucionais, como o da mídia, da burocracia, da tecnologia, e através deles, a possibilidade de acesso ao poder. Daí os estudos sobre o letramento hoje em dia, seguindo o caminho traçado por Paulo Freire há mais de trinta anos, enfatizarem o efeito potencializador, ou conferidor de poder, do letramento. A palavra de ordem nos estudos sobre o letramento que se voltam para a transformação da ordem social é "empowerment through literacy", ou seja, potencializar através do letramento. (p. 8)

Esse modelo de educação exposto no trecho parte de uma perspectiva de letramento que possibilita que o sujeito vá além da posse da palavra e consiga ultrapassar a transparência da língua(gem) na dicotomia 'significado' e 'significante', mas que ele consiga "polissemizar" os usos da língua(gem), de modo a acessar domínios sociais que estão além da sua realidade de vida e se fazer cidadão em uma sociedade que o exclui e o explora.

Nessa ótica, Freire (1979) destacou, por exemplo, na obra *Conscientização*, a importância de fazer o homem analfabeto ou iletrado “acordar” para sua condição e como isso contribuir para que ele perceba que também produz cultura, que também pode modificar sua realidade e a sua existência e interromper o caminhar cíclico da sua concepção histórica dentro de um determinismo socioeconômico de pobreza. O autor fala da conscientização como uma proposta utópica e um compromisso histórico, porém com uma carga positiva nessa ressignificação. Por muitas vezes, pode recair sobre o conceito de utopia um efeito de sentido de algo irrealizável, que está para além do que o ser humano pode executar ou construir em termos materiais, mas fica evidente como Freire usa esse termo no sentido de fazer o seu leitor projetar sua mente ao futuro.

Um dos princípios basilares que se compreende na sua obra é de não ficar atrelado a um passado que possa representar um tradicionalismo epistemológico e principalmente político, onde a relação entre as classes sociais era muito mais engessada. O propósito da utopia, nesse sentido, sugere vislumbrar uma nova e mais flexível realidade social onde aquele que está na base da cadeia econômica e de trabalho possa caminhar por essa pirâmide social posta historicamente e desmantelá-la. O sujeito, a partir da tomada de consciência crítica conhecerá sua história, para que possa mudá-la, levando consigo e de mãos dadas o povo com o qual conviveu, sofreu e também lutou por melhores condições de vida. O refletir coletivo dentro de um grupo até então marginalizado.

Para além da produção intelectual a qual Kleiman (1995) se refere em nível nacional, na figura de Freire, há ainda, em paralelo, teorias que se propuseram a gerar reflexões a nível internacional, posteriores aos estudos de Brian Street nos anos 70. Isso nos faz ter uma noção de que, em outra perspectiva de mudança social da realidade das pessoas pobres, sobretudo do Nordeste brasileiro, tendo como arma as ideias socialistas da época contra a ditadura Militar de 1964, a nível internacional se notava uma revolução cultural, que se propunha a refletir os rumos que o mundo ocidental tomava no final do século XX.

Uma discussão mais detalhada será feita na próxima sessão, a respeito da relação da

cultura com os letramentos, mas de início, podemos mencionar o Grupo da Nova Londres como um importante divisor de águas para se pensar o rumo do letramento. O ponto de partida desse movimento se deu a partir do que foi nomeado por esse grupo de pesquisadores como manifesto dos multiletramentos ou "pedagogia dos multiletramentos", publicado em 1996. Esse texto se estruturava na forma de um artigo onde se expunha algumas insatisfações com o modelo tradicional de letramento, que não contemplava as diversas vozes de uma sociedade cada vez mais heterogênea, nem levava em consideração o processo de globalização que cada vez mais atingia as diversas camadas sociais, em épocas marcadas pela presença das tecnologias da informação e da industrialização.

De acordo com Cope e Calantzis (2009), em sua releitura do manifesto dos multiletramentos, devemos questionar os parâmetros de equidade e igualdade que o liberalismo e a esquerda buscam, mas que acabaram não se efetivando na educação nos últimos tempos. De fato, a educação é uma das únicas possibilidades de a classe mais pobre da população romper com o determinismo histórico, porém as políticas públicas e incentivos têm seguido engessados na prática, apesar dos discursos cada vez mais calorosos sobre investimento em educação, principalmente em épocas de eleição para qualquer cargo de administração pública.

Os autores ainda destacam que a educação se estruturou no final do século XX para formar mão de obra que será explorada pelo liberalismo. Há um ponto positivo nessa discussão, quando observamos as novas possibilidades de inserção no mercado de trabalho, porém cabe aos multiletramentos fomentar práticas de linguagem através das quais esses trabalhadores consigam tomar consciência de que o único objetivo da iniciativa privada sobre sua força de trabalho é gerar lucro.

De modo mais específico com relação à cultura de trabalho em um contexto da globalização, a individualização do sujeito se materializa também na ideia de liberdade liberal, que contribui para que o estado se ausente de suas responsabilidades, como no oferecimento de acesso ao emprego ou educação de qualidade. Estas contribuições nos fazem pensar sobre um exemplo a ser analisado, que é o caso dos *youtubers*, para ser mais específico. Um público que se utiliza dos meios de comunicação digitais para produzir “conteúdo”, inspirar pessoas e mover um mercado que vem se tornando cada dia mais lucrativo e com mais adeptos. Qual criança, adolescente ou até mesmo adulto não quer ser um *youtuber* atualmente? Tudo parece se tornar mais fácil e mais prático em um mundo conectado permanentemente, cujas relações pessoais e usos da língua são atravessados por essas novas formas de existência.

Surge então o desafio de se propor uma pedagogia dos multiletramentos que ultrapasse as discussões do trabalho laboral e que contemple também essa nova linguagem digital nos estudos das relações humanas com a língua.

2.1 INTERSECÇÕES ENTRE MULTILETRAMENTOS, TECNOLOGIA E CULTURA

O mundo contemporâneo está cada vez mais rodeado por tecnologia da informação, que estão conectadas à internet. O mundo inteiro pôde observar esse aspecto de forma prática devido à pandemia de COVID-19, que nos fez perceber dois pontos extremamente importantes em relação a esse fato: o primeiro é de que quando se está inserido em uma sociedade, seja no campo ou na cidade, não há como fugir da conectividade, uma vez que direta ou indiretamente, precisamos de conexão com a *internet* para ter acesso a vários serviços durante o dia, especialmente os de comunicação; o segundo ponto diz respeito ao acesso às tecnologias e, principalmente às redes de *internet*, pela parcela mais pobre da população, que muitas vezes tem um sinal muito precário ou quase a nenhum sinal de rede, além da falta de dispositivos eletrônicos como celulares, *tablets* ou computadores.

Pensando a partir dessas e de outras problemáticas, recorreremos aos estudos sobre multiletramentos que discutem mais especificamente o processo de globalização, bem como a própria diversidade cultural que existe no ambiente escolar e as Tecnologias da Informação e Comunicação, doravante TICs.

Internet de qualidade, *smartphone*, computador, até mesmo lugar apropriado para estudo na casa das pessoas mais pobres se tornou uma utopia, no sentido negativo da palavra, pois parece ser uma assistência quase que impossível de oferecer a esses estudantes que acabaram se tornando os mais prejudicados, em vistas ao que ocorreu no mundo nos últimos três anos. Desse modo, as tecnologias vêm caminhando entre a válvula de escape e o problema para a educação no contexto mencionado anteriormente, pois ele bate de frente com os professores sem formação em paralelo com a única possibilidade de fazer a educação caminhar.

Essas e outras reflexões são postas em discussão por Ana Elisa Ribeiro (2021) ao tentar desenhar um futuro pós-pandêmico, com base na pedagogia dos multiletramentos. Embora a autora faça um recorte muito específico da contemporaneidade educacional, temos um bom ponto de partida para pensar questões culturais práticas e seus desdobramentos com as

tecnologias, dado que embora o manifesto dos multiletramentos tenha sido publicado em 1996, ainda é muito atual, justamente por teorizar a projeção de um futuro social.

Sendo assim, a autora retoma o Grupo da Nova Londres, no sentido em que eles discutem a inegável presença da globalização nos anos 90, em uma realidade de constante progresso pós Segunda Guerra Mundial e Pós Guerra Fria. Isso pode ser observado na seguinte passagem, em que ela diz que os estudiosos:

Apontavam a globalização como fator que ampliava o contato entre diferentes, de maneira inescapável. Eram mudanças nas comunidades e nas comunicações, que provocavam contato entre sociedades diversas, línguas diferentes e identidades variadas. A noção de subculturas, no manifesto, referia-se a questões étnicas, geracionais, de gênero, de orientação sexual ou dialetais. (RIBEIRO, 2021, p. 9)

O que se observa, com relação ao que foi posto, é que havia uma preocupação com grupos que eram vistos como marginalizados, tanto em relação a violência física e simbólica, quanto à falta voz social. Entretanto, notava-se que esses grupos estavam emergindo, tanto na luta por direitos sociais, quanto por protagonismo em espaços de poder. Consequentemente, essas e outras transformações iriam desembocar em novos usos da língua, no surgimento de novos dialetos em espaços de prestígio, tal como no rompimento com o uso da linguagem verbal, uma vez que novos gêneros textuais se propagariam, com destaque para o hipertexto, por exemplo.

Refletir sobre essa quebra de paradigma nos leva à complexa construção de olhares para o entrelaçamento entre língua e cultura. Nesse ponto, como já discutido na seção anterior, surge a imagem de Paulo Freire, que Ribeiro (2021) menciona como uma já estabilizada referência, que servia de arcabouço teórico para os autores que estavam discutindo letramento em países desenvolvidos, tendo em vista que as pesquisas que foram realizadas nesse sentido se alinhavam quase que completamente aos pressupostos do autor brasileiro para uma educação libertadora.

Esses pensadores seguiam uma ótica de pesquisa que compreendia que os laços sociais ficavam cada vez mais estreitos e, principalmente heterogêneos. As culturas começaram a entrar em contato e, à medida que isso ocorria, havia desdobramentos que influenciavam na economia, nos novos estilos de vida, na forma como o sujeito enxerga o outro e nas práticas pedagógicas, principalmente. Entretanto, todos esses aspectos eram fomentados e culminavam da prática pedagógica, tendo em vista que dentro da sala de aula, o papel da educação era de formar

sujeitos que seguissem um fio condutor que pudesse amarrar todos os elementos de uma sociedade globalizada com a formação crítica.

Quando pensamos na constituição identitária e cultural desses sujeitos que mudam a sociedade, nos deparamos com a questão da identidade cultural. Dessa forma somos levados a refletir: como pensar os dilemas em torno da diversidade cultural na escola e para a sociedade, a partir da perspectiva dos multiletramentos? Essa resposta é lançada à luz por Roxane Rojo (2012), que discute conceitos bem específicos e, frente a esse debate, é apresentada a característica do que seriam esses multiletramentos, em detrimento dos letramentos múltiplos. O novo conceito que trabalha com a diversidade cultural não está focado nas diversas formas de letrar um sujeito, mas na convergência ou heterogeneidade em que as culturas se encontram na atualidade, não estabelecendo mais uma divisão entre o culto e o erudito por exemplo, mas pensando em que medida os elementos se complementam em uma dada cultura.

No tocante às práticas de linguagem, Rojo aponta que a produção do sentido na atualidade está muito além do gostar ou não de determinados gêneros textuais ou do discurso, mas para as novas formas de produção deles. Poderíamos dizer também em necessidade de produção e consumo desses textos frente a tantas tecnologias e técnicas, vistas como caminhos para novas possibilidades de produção de significados. Talvez esses sentidos sejam muito mais complexos do que quando se lia, por exemplo, textos de literatura clássica, onde só estava materializada a linguagem verbal, em um alinhamento sintático bem definido. Esses outros elementos, como o imagético e o musical, não teriam tal significado se fossem analisados de forma isolada a partir desses textos, pois os sentidos só surgem de forma concreta quando esses são relacionados entre si como um todo.

Os memes na nossa contemporaneidade são um importante exemplo de como essas linguagens se misturam aos *tweets*, postagens de Facebook, *blogs*, vídeos de Tiktok, *vlogs* e às já estabelecidas propagandas publicitárias. Nos casos de alguns desses gêneros que se encaixam nos hipertextos, devemos compreender que a leitura se faz em diversas direções muito além do processo de decodificação da linguagem verbal. A nossa cognição deve se encarregar de interpretar a relação entre cores, sons, formas e linhas, além de ser necessária a retomada do conhecimento de mundo, para que a partir da interação entre as várias semioses, surjam novas representações, produto do entrelaçamento da subjetividade de diferentes grupos sociais. Dessa forma, abriremos aqui um "parênteses" para definir o conceito de hipertexto, já que:

Uma das principais características dos novos (hiper)textos e (multi)letramentos é que eles são interativos, em vários níveis (na interface, das ferramentas, nos espaços em rede dos hipertextos e das ferramentas, nas redes sociais etc.). Diferentemente das mídias anteriores (impressas e analógicas como a fotografia, o cinema, o rádio e a tv pré-digitais), a mídia digital, por sua natureza "tradutora" de outras linguagens para a linguagem dos dígitos binários e por sua concepção fundante em rede (*web*) permite que o usuário (ou o leitor/produtor de textos humano) interaja em vários níveis e com vários e com vários interlocutores (interface, ferramentas, outros usuários, textos/discursos etc.). (ROJO, 2016, p. 23)

Logo, pensar no hipertexto implica considerar as novas formas de convivência social e a indissociável relação do homem com a máquina, pensando o patamar tecnológico que vivemos hoje. A educação carece que as novas tecnologias sigam o caminho do desenvolvimento das relações sociais, culturais e de trabalho e não fique estagnada no passado. Por isso, a necessidade de se refletir sobre formas de aprendizagem que contemplem esse novo relacionamento do ser humano com as possibilidades de produzir linguagem, que não somente da forma tradicional. Ressalta-se, pois, a relevância do trabalho com computadores, celulares, *tablets* que antes eram evitadas em sala de aula, mas que hoje parecem estar se tornando indispensáveis para o curso da vida humana por estarem cada vez mais presentes no cotidiano.

3 METODOLOGIA

Os critérios metodológicos para o desenvolvimento desta pesquisa se constituem a partir de uma pesquisa bibliográfica, acerca dos principais conceitos relativos aos multiletramentos e da sua relação com as práticas culturais e tecnológicas. Sendo assim, o presente estudo é um trabalho de abordagem qualitativa, de natureza aplicada.

Para conciliar o recorte teórico aos aspectos metodológicos citados, nos propusemos a fazer uma triagem dos textos considerados por especialistas na área como os mais canônicos a nível internacional, a saber, com base em autores que cunharam o termo letramento a partir do qual se discutiu aqui; como também a nível nacional, partindo de trabalhos de autores que são referências centrais para que se discuta multiletramentos na perspectiva socioeducacional brasileira, de forma a selecionar quais deles recobriam não apenas o conceito amplo do termo, mas também que abordassem o caso da globalização e da evolução das tecnologias da informação e sua influência na educação.

A partir dessa filtragem, foi possível fazer uma retrospectiva cronológica que a nível

nacional e internacional recobrem as três últimas décadas do século XX e o início do século XXI, mais especificamente as duas primeiras décadas.. Com isso, partimos do Grupo da Nova Londres e chegamos aos seguintes autores para propor as discussões: Cope e Calantzis (2009), Freire (1979), Kleimam (1995), Ribeiro (2021) e Rojo (2016).

Essas referências nos proporcionaram obras e textos primordiais para fazer a revisão dos conceitos necessários que permitiram estabelecer a articulação proposta nos objetivos de pesquisa, por serem, em sua maioria autores canônicos dentro dessa grande área.

4 RESULTADOS E PROPOSTAS DE REFLEXÃO: COMO PENSAR EM UMA EDUCAÇÃO PARA OS MULTILETRAMENTOS?

Trabalhar no âmbito educacional é, antes de tudo, um grande desafio, contudo na contramão dos empecilhos do trabalho docente, é preciso refletir sobre o papel do professor frente às mudanças sociais. Assim como foi exposto nas seções anteriores, pode parecer que ser professor é ter que fazer constantemente um levantamento antropológico em relação ao seu público-alvo ou até mesmo estar em constante busca de teorias que lhe orientem sobre a execução da prática educacional, para além de toda a demanda que esse sujeito já tem.

De fato, ser professor é uma prática de constante busca, atualização e autorreflexão. Assim, tentaremos elencar alguns pontos com base do que foi discutido em nosso referencial teórico, de modo elucidar caminhos para novos leitores que tenham interesse na temática dos multiletramentos que, de algum modo, possam evidenciar e dirimir dilemas, com base no que sugerem os conceitos discutidos.

O primeiro aspecto a ser considerado, é que é notório como a falta de estrutura nas escolas é algo que prejudica o trabalho docente. Ao retomarmos o exemplo da pandemia novamente, pudemos nos deparar com constantes dificuldades relatadas sobre o retorno às aulas presenciais, sobretudo em escolas públicas. Enquanto as escolas particulares seguiam com suas atividades de forma remota e retornaram presencialmente assim que as medidas sanitárias foram flexibilizadas, as públicas estavam em um verdadeiro processo de readaptação abrupta não só do retorno ao ensino em si, mas de lidar com a dificuldade das salas de aula lotadas, falta de ventilação adequada, dificuldade em manter um distanciamento social seguro, falta de higienização etc.

Essa triste realidade escancarou o que já vinha se arrastando por anos no Brasil, que é o

descaso com a estrutura das escolas públicas, em termos materiais e humanos. Para que a escola possa ser um lugar acolhedor, seguro e sirva como um espaço institucionalizado a partir de onde se possa pensar e discutir sobre os multiletramentos, é necessário que haja condições básicas para que o trabalho possa ser desenvolvido.

Em face ao que já foi discutido ao longo deste trabalho, precisamos contar com instalações adequadas onde possamos usar tecnologias que possam maximizar o trabalho docente, ao passo que tire um pouco da carga laboral do professor. A exemplo, podemos nos referir às instalações elétricas, onde o professor possa usar projetores, caixas de som e computadores, para que se possa reverter a defasada aula em que apenas se escreve no quadro branco, só se utiliza a linguagem verbal e o aluno, em contrapartida se sente entediado e desmotivado.

Esse quadro crônico da educação brasileira se ancora ainda na falta de valorização do professor pelos governos e pela sociedade, na falta de material didático eletrônico e digital nas escolas, como também na falta de capacitação desses profissionais em casos em que a instituição dispõe de dispositivos e *softwares* que possam contribuir com as atividades pedagógicas.

Nos debruçaremos, desse modo, mais uma vez sobre as reflexões de Ribeiro (2021), quando ela retoma a noção de design desenvolvida pelo Grupo da Nova Londres, quando é tecida o seguinte trecho:

A escolha da palavra *design* ocorre em detrimento de gramática. Segundo os/as autores/as, o termo gramática pode ser negativamente compreendido, uma vez que é investido de certo desgaste e tomado como um conjunto de regras autoritárias. Não era o que eles/as desejavam, discursivamente. Era, também, um modo de obter possíveis adesões. A palavra *design* parecia menos gasta e mantinha uma ambiguidade que lhes interessava: refere-se, a um só tempo, ao processo e ao produto. (RIBEIRO, 2021, p. 11, grifo do autor)

É mostrado no fragmento acima como para pensar a diversidade cultural na sala de aula, frente a todas as nuances mencionadas anteriormente, precisa antes de tudo de um olhar de desconstrução sobre discursos e práticas já muito engessadas, que parecem ser impossíveis de romper. Uma dessas medidas é o questionamento da carga semântica a respeito do termo gramática, que ainda apresenta muita resistência, devido ao fato de produzir um efeito de sentido ligado a normas rígidas, imutáveis e que apontam para uma prática de linguagem

muito formal e descontextualizada das práticas sociais.

Podemos observar que no que se refere a gramática, não temos por exemplo a abertura para a variação linguística, dialetal, linguagem multimodal, caminhos para análise discursiva. Em outras palavras, a gramática pressupõe uma relação de poder e dominação entre grupos que não são de prestígio, através da linguagem. Esse é o primeiro aspecto excludente quando se trata de ensino de línguas na escola e que foge a uma prática docente que leve em consideração os multiletramentos e as diversas formas de usos da língua e de cultura que compõem o ambiente escolar. Portanto, destaca-se como uma válvula de escape a adequação a essas terminologias à medida que:

As “atividades semióticas” deveriam considerar os seis processos de design ou de produção de sentidos e, para exercer uma pedagogia de multiletramentos, seriam necessários quatro elementos: Prática situada (agir em contexto de imersão, aplicação); Instrução explícita (aprendizagem e uso de uma metalinguagem/discurso); Enquadramento crítico (relações com a história, a sociedade, a cultura, a política, a ideologia, o valor, etc., desnaturalizar o preexistente e aprender a criticar construtivamente); e a Prática transformada (desenvolver maneiras de revisar e redesenhar práticas, de modo reflexivo, com clareza de objetivos e valores. (RIBEIRO, 2021, p. 12)

Podemos notar que embora as TICs sejam algo extremamente necessário na prática pedagógica contemporânea, é possível explorar os usos da linguagem para além das tecnologias digitais, de tal forma que o professor não fique "refém" desses dispositivos. Pôr em prática a interculturalidade e explorar a heterogeneidade de modos de pensar e de agir que compõem o chão da escola parte do pressuposto de desenvolver metodologias que girem em torno dos quatro objetivos mencionados na citação acima (prática situada, instrução explícita; enquadramento crítico e a prática transformadora), uma vez que os estudantes são sujeitos situados historicamente em sociedades com características distintas e muito bem demarcadas.

O que se sobressai como ponto importante desse contexto, é a forma como o professor reflete sobre aqueles sujeitos que estão interagindo consigo e como podem ser mediadas as práticas e tomadas de posições didáticas que permitam construir um mínimo de consciência social, história e ideológica, não apenas onde cada um dos aprendizes estão situados dentro da luta de classes, mas que se proponha caminhos que possam ser almejados, de modo a romper com um determinismo social e que as vozes das subculturas ecoem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável que os avanços tecnológicos circunscrevem uma nova forma de existir em uma sociedade mediada pelas leis do capitalismo e que, desde o final do século XX, uma nova era da comunicação se instalou de forma definitiva. Tudo isso perpassa profundamente pela linguagem que retrata as marcas da cultura e os novos modos de vida, de participação cidadã, na construção de novos locais de fala e de protagonismo político.

A *internet*, por meio da globalização, possibilita a existência de novas conexões e demarca ainda mais o choque entre culturas e as relações fronteiriças. Contudo, as relações de poder devem ser sempre postas em discussão, uma vez que esse desenvolvimento tecnológico se dissemina de forma desigual, ainda que as novas práticas de linguagens sejam irrevogáveis. Seja em nível nacional ou internacional, a prática libertadora sempre será proposta através da educação, pois ainda que possa existir resíduos de uma educação bancária, o letramento do sujeito será a única possibilidade de projetar um futuro e melhorar sua perspectiva de vida.

Essa relação entre diversidade cultural, tecnologia e ensino põe em xeque o papel do professor e nos faz questionar sobre a mudança das práticas pedagógicas. Durante muito tempo, o professor foi visto como o detentor do conhecimento, até Paulo Freire surgir com suas teorias sobre o letramento crítico que punha o processo sócio-histórico do aprendiz no centro do processo pedagógico. Todavia, ainda recai sobre o professor a responsabilidade de escolherem entre métodos tradicionais e defasados que não condizem mais com a realidade social, ou de se apoiarem em estudos mais sensíveis e críticos, como sugerem os estudos sobre os multiletramentos, para que a escola enquanto instituição faça sentido para o sujeito que relacione os conhecimentos e discussões que lhe foram propostos com sua vida cotidiana.

Podemos notar que embora as TICs sejam algo extremamente necessário na prática pedagógica contemporânea, é possível explorar os usos da linguagem para além das tecnologias digitais, de tal forma que o professor não fique "refém" desses dispositivos. Nesse sentido, cabe ao professor refletir sobre a interculturalidade e explorar a heterogeneidade de modos de pensar e de agir que compõem o chão da escola parte do pressuposto de desenvolver metodologias que estimulem os sujeitos a serem situados historicamente em sociedades com características distintas e muito bem demarcadas.

Esses posicionamentos pedagógicos são caminhos que podem permitir construir um mínimo de consciência social, história e ideológica, não apenas onde cada um dos aprendizes

estão situados dentro da luta de classes, mas que se proponha caminhos que possam ser almejados, de modo a romper com um determinismo social e que as vozes das subculturas ecoem.

Assim devemos estar sempre atentos para pensar de que modo as diversas semioses podem contribuir para uma reflexão crítica da realidade e como o processo de globalização nos coloca em uma realidade educativa que não há como possibilitar uma formação integrada, alinhada aos currículos e leis educacionais, dissociando o uso de TICs. Para além disso, salientamos ainda a importância de possibilitar ao aluno a autorreflexão acerca dos ambientes em que ele está inserido fora da instituição escolar, já que o lugar onde o letramento se dissemina e se faz presente está para além dos contextos formais de ensino.

REFERÊNCIAS

- COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. "Multiliteracies": New literacies, new learning. **Pedagogies: An international journal**. Londres v. 4, n. 3, p. 164-195, 2009. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15544800903076044>. Acesso em: 27 nov. 2024.
- FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- KLEIMAN, A. B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social**. Campina: Mercado das Letras, 1995.
- RIBEIRO, A. E. Que futuros redesenhamos? Uma releitura do manifesto da Pedagogia dos Multiletramentos e seus ecos no Brasil para o século XXI. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 9, p. 1-19, 2020. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/2196>. Acesso em: 27 nov. 2024.
- ROJO, R. Diversidade cultural e linguagens na escola. In.: ROJO, Roxane; ALMEIDA, Eduardo de Moura (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2 ed, Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- STREET, B. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- _____, Brian V. Os novos estudos sobre o letramento: Histórico e perspectivas.
- MARINHO, Marildes e CARVALHO, Glicinei Teodoro (Orgs.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010, p. 33-53.